

E se invadíssimos as escolas?

26 MAR 1997 GLOBO

26 MAR 1997

JOÃO PESSOA DE ALBUQUERQUE

E se "hordas" interessantes — para tornar os alunos mais interessados — "invadissem as escolas?"

Que tal a sua ocupação periódica, mas constante, por profissionais liberais, agricultores, operários, políticos, jornalistas, magistrados, presidiários, artistas, filósofos, religiosos, prostitutas, empresários, cientistas, escritores, líderes comunitários e mais toda a gente que faz, que pensa e que cria, num esforço inédito para tornar as escolas um tanto mais "vivas" e um tanto menos "escolásticas"?

Poderíamos, então, dizer: os "não professores", afinal, estão chegando! E entre eles: pais, mães, tios e avós, essa parte da comunidade escolar que bem merecia fazer mais do que simplesmente pagar. Eis, aí, aliás, um dos efeitos colaterais da idéia: a participação da comunidade em parceria pedagógica. Que beleza!

A idéia central consistiria em substituir-se "alegorias" dos atuais programas (atuais, porém nem sempre atualizados) por um "currículo do cotidiano" — abrangente, curioso, útil e atraente — organizado a partir da óbvia constatação de que todos nascem, morrem, compram e trabalham e muitos se casam, procriam, herdaram, investem, doam, processam e são processados, se divorciam, transgridem normas, votam, vendem e

viajam.

Observem que todos eles são atos e fatos — alguns, fatalidades biológicas, outros, ocorrências ordinárias — que, acontecendo em nossas vidas, influenciam-nas, mudam o seu curso, geram direitos e deveres, moldam nossa conduta, obrigam-nos a viver situações nem sempre esperadas (e, às vezes, nem sempre desejadas), nos proporcionam encantos e desencantos, compondo, enfim, a chamada "teia da vida", complexa e, de vez em quando, nem sempre bela... contudo inevitavelmente real e por ser real, as escolas não podiam ignorá-la. Não obstante, ignoram-na!

As espécies de mamíferos, as regências verbais, as guerras importantes e insignificantes, as reações químicas, os acidentes geográficos, as equações de qualquer grau e as batalhas imemoriais de duvidosos heróis — como que formando um bazar de informações por atacado — dominam os conhecimentos escolares, quando o ideal seria que apenas predominassem (e assim mesmo após um bom e necessário expurgo). Dirigentes e docentes perecem esquecer o que ocorre no dia-a-dia, contentando-se em enquadrar os adolescentes na verdade do livro didático (como se ela fosse a única).

Afinal, o que se passa?

Falta de ousadia? Escravidão à rotina? Força de inércia? Ausência de provocação?

Não posso jurar qual, realmente, seja a causa, mas posso jurar que, realmente, é assim. Assim como posso jurar que a vida escolar me parece ser bem mais "livre" do que livre...

Andam dizendo por aí que a escola atual ainda se apresenta em preto e branco enquanto a sociedade já vê tudo em cores... Por que é assim, se não tem de ser assim?

Será porque, nas classes, somente professores pontificam? Será?

Não que eles não sejam necessários. Muito pelo contrário! O que eles não são é suficientes.

Tenho a convicção de que seria ótimo para o aluno ver e ouvir, na sala de aula, alguém mais do que os nossos senhores mestres de cada dia.

Daí a lembrança de se "invadir" as escolas com gente que saiba dizer aos alunos — e dizê-lo sempre — algo mais do que a mera instrução curricular. E comovendo-os! Afinal, é a emoção que envolve.

Por isso, não temo cair em heresia sugerindo, por exemplo, a criação do lembrado "currículo do cotidiano" ou outro nome melhor com que venha a ser batizado. O nome é indiferente. O importante é se proporcionar ao estudante um outro tipo de estudo.

Não vejo, pois, qualquer pecado cultural e nem qualquer prejuízo do saber em substituirmos parte dos conteúdos programáticos de hoje por ensinamentos que melhor formassem o cidadão. Já imaginaram que riqueza não seria termos "matérias da vida" lecionadas por "não professores"?

A escola costuma ser chata, mas pode deixar de sê-lo. Não só pode, como deve. Recentemente, ouvi uma frase simples,

mas sábia: "Divertir para motivar e motivar para aprender." Schiller, a propósito, já dizia que "o homem só é homem enquanto brinca".

Se me permitem uma irreverência, ousou até dizer que quando não despertamos o "tesão" para o saber, o aluno, no seu aprendizado, fatalmente, "broxa"...

Sinto que há, entre nós diretores, uma modalidade de covardia educacional

que parece ser manifestada no medo de perder alunos ou, na melhor das hipóteses, em um conservadorismo sob o "amparo da lei".

É o mimetismo entre concorrentes. É o império daquele convencionalizado sistema que os de língua inglesa chamam de *establishment* no sentido exato da intocabilidade.

É como o filme que já vimos ou a re-

prise da película que nos passam como boa. Isso está nos levando à pedagogia do imobilismo, àquele conformismo que produz mais o instituto da instrução do que a casa da formação. Que bom seria termos uma casa assim, muito mais solta e criativa, mais heterogênea no conhecimento e, incomparavelmente, mais homogênea na empolgação do aprender.

Isso não é um sonho. Mas é pesadelo suportar a rotina da aula ansiando pela sineta do intervalo...

Ademas, o que é o sonho senão a expressão crítica da realidade quando não a inspiração dela própria?

Dizem, inclusive, que foi num sonho que Poincaré, o grande matemático francês, descobriu a demonstração de um famoso teorema seu. Portanto, se quisermos ser reais, que sonhemos...

Sérgio Costa Ribeiro, competente pesquisador que honrou o CNPq, nos revelou, em surpreendente pesquisa, que boa parte da evasão escolar se deve muito mais à falta de atrativo oferecido ao aluno do que qualquer outra causa.

Bendita seja, pois, aquela inusitada "invasão" que, preservando o que existe de bom e necessário, certamente sacudiria as carteiras e levaria os estudantes a pedirem ao inspetor para retardar o sinal do recreio...

JOÃO PESSOA DE ALBUQUERQUE é diretor do Colégio Anglo-Americano e ex-presidente da UNE e do Conselho Empresarial de Educação.